

Empresários tentam libertação de reféns da Renamo

O Jornal
31-5-85
p. 44

Directores da empresa portuguesa Entrepasto, que mantém representação em Moçambique, encontram-se em Maputo, a fim de tentarem a libertação de uma funcionária superior da firma, sequestrada pela Renamo juntamente com dois filhos e uma jovem.

Em comunicado ontem, quinta-feira, enviado à Redacção de «O Jornal», a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) reafirma que a libertação dos quatro portugueses sequestrados «deve ser feita por negociação directa do Governo português» com os rebeldes. E salienta: «solicitamos a ida dum membro do Governo português às bases centrais da Renamo no interior de Moçambique para libertação dos quatro cidadãos portugueses».

No gabinete do primeiro-ministro, «O Jornal» apurou que não houve até agora «qualquer contacto oficial, ou officioso», da Renamo com o Governo português, nem as autoridades de Lisboa têm conhecimento oficial do sequestro.

Enquanto o Governo português se vê a braços com um problema melindroso, directores da empresa portuguesa Entrepasto, que mantém interesses comerciais em Moçambique, encontram-se em Maputo

prestando-se a contribuir para a libertação dos quatro portugueses, que estão directa e indirectamente relacionados com a firma.

Ao que apurámos, Celeste Lemos, de 46 anos, seria quadro do Entrepasto em Maputo e habitaria na capital moçambicana juntamente com seus dois filhos, Jorge e Rui Lemos, respectivamente de 14 e 13 anos de idade. A jovem igualmente sequestrada acompanhava a família Lemos e chama-se Carla Costa Fernanda. Os quatro cidadãos foram raptados na estrada que liga a fronteira sul-africana a Maputo.

No comunicado de ontem, a Renamo afirma que o ultimato ao Governo português «tem por fim responsabilizá-lo e à sua representação diplomática e consular em Moçambique por nada ter feito junto dos seus cidadãos residentes em Moçambique (ao contrário de todas as outras embaixadas) para não circularem no país».

Até agora, do Governo português, apenas o primeiro-ministro se pronunciou publicamente sobre o caso, no domingo passado, numa conferência de imprensa, tendo afirmado que se recusa a negociar sobre pressão, aceitando, no entanto, que «há maneiras discretas de resolver os problemas».